

MOARA

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPA

AS DIMENSÕES DA HUMANIDADE EM “INFERNO VERDE”, DE ALBERTO RANGEL

Jorge Domingues Lopes
Universidade Federal do Pará

RESUMO

Partindo da leitura dos contos “O Tapará”, “Terra caída” e “Maiby”, reunidos no livro “Inferno verde”, de Alberto Rangel, analisa-se a composição das personagens humanas, suas características e suas relações em sociedade e com a natureza complexa e grandiosa, observada, descrita e interpretada pelo “olhar estrangeiro” de um historiador. Com isso, busca-se estabelecer qual ou quais as dimensões desse homem nesta escritura grandiloquente, e como tal compreensão pode colaborar para o estabelecimento de uma identidade histórico-literária do homem da Amazônia. Essa análise baseia-se nos trabalhos de Antônio Cândido, “Literatura e subdesenvolvimento” (1987), de Euclides da Cunha, “À margem da história” (1909), de José Luis Fiorin, “Astúcias da Enunciação” (1988) e de Alfredo Bosi “História concisa da literatura brasileira” (1994). Percebe-se que a dimensão humana diante da natureza é bastante reduzida (essa diminuição ocorre tanto no nível narrativo quanto no nível lingüístico, como o prova a excessiva adjetivação à natureza). Identificam-se três tipos humanos, distinguidos de acordo com a sua relação com o “Inferno verde”: o nativo (representado pelo caboclo), o explorador (representado pela sociedade da indústria seringueira) e o estrangeiro (representado pelo cidadão). Esboça-se uma identidade do homem da Amazônia: aquele que aceita o desafio da floresta; “caboclo onça”; “homem-peixe” na estação das chuvas.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; *Inferno Verde*; personagens.

RÉSUMÉ

À partir de la lecture des contes *O Tapará*, *Terra caída* et *Maiby*, du livre *Inferno verde*, de Alberto Rangel, dont la première édition est de 1908, on analyse la composition des personnages humaines, ses caractéristiques, ses rapports sociaux et aussi ses rapports avec la nature complexe et grandiose, observée, décrite et interprétée sous le “regard étranger” d’un historien. Ainsi on cherche établir quel ou quels sont les dimensions de cet homme dans l’écriture du livre et, par conséquence, comprendre dans quel mesure cette écriture porte des traits d’une identité historico-littéraire de l’homme amazonien.

MOTS-CLÉS: Amazonie; *Enfers vert*; personnages.

Deixai toda esperança, ó vós que entraís!
Dante Alighieri (*Inferno*, Canto III, 9)

*À hora do meio dia ensoalhado, a floresta é pavorosamente muda;
à noite, ela é wagnerianamente agitada de todas as vozes. Vozes,
que vão do clamor insano d'almas errando em assomo de
desespero e de dor, aos murmúrios vagos de um só violino, em
smorzando delicadíssimo.*
Alberto Rangel (1914, p. 15)

INTRODUÇÃO

Partindo da leitura dos contos “O Tapará”, “Terra caída” e “Maiby”, reunidos no livro “Inferno verde”, de Alberto Rangel, cuja primeira edição data de 1908, analisa-se a composição das personagens humanas, suas características e suas relações em sociedade e com a natureza complexa e grandiosa, observada, descrita e interpretada pelo “olhar estrangeiro” de um historiador. Com isso, busca-se estabelecer qual ou quais as dimensões desse homem nesta escritura grandiloquente, e como tal compreensão pode colaborar para o estabelecimento de uma identidade histórico-literária do homem da Amazônia.

1 AS DIMENSÕES DA HUMANIDADE

1.1 O TAPARÁ (p.7-32)¹

O homem

No dilúvio amazônico, o homem trocaria bem os seus pulmões por guelras. Tudo lhe é acessível na água. (p. 11-12)

Já neste fragmento do primeiro conto do livro *Inferno Verde* (Rangel, 1914), é possível perceber que o homem é caracterizado não por meio de seus atributos físicos ou psicológicos, nem morais ou religiosos, mas sim a partir de sua relação direta com elementos naturais de seu *habitat*, que, por sua vez, representa uma espécie de medida (cujas proporções são geralmente grandiosas). Assim, o homem, diante do “dilúvio amazônico”, torna-se **homem-peixe**, pois “tudo lhe é acessível na água” (p.12).

¹ Todas as referências que constarem somente do número da página se referem a Rangel (1914).

Mas, também, com o termo da enchente, o homem está ilhado, ou pior, emparedado. Baixando a água, baixa-lhe a capacidade de anejo. Não pode flutuar mais e é como o tronco, que, de bubuia, e afinal, pesando por encharcado, desce ao fundo do rio para apodrecer. (p. 12)

Essa transformação do espaço amazônico determina a própria transformação do homem, que de peixe passa a **tronco**, num ciclo constante de nascimento e morte.

Eis então os primeiros traços do homem amazônico: sua vontade está de certo modo condicionada à “vontade” da natureza (terra, floresta, clima e rios); sua identidade definiu-se a partir da comparação com elementos da natureza (o peixe, o tronco); sua dimensão é quase imperceptível diante da grandiosidade da natureza.

A floresta desafia o homem

A trilha pela mata é custosa de reconhecer. Durando o espaço da vazante, não tem tempo de ficar assinalada. E o que ainda a destaca no emaranhamento dos galhos, é que, por onde a maior enchente se marca nos troncos, há ramos aqui e ali decepados ao choque do remo, que então os afastara, quando se embarçavam na proa da canoa. Aliás não valeria a pena traçar mais viva a estrada; seria sempre como riscada a giz, a esponja da enchente apagá-la-ia. (p. 13)

Diante do olhar atento do narrador, a floresta e todo o espaço amazônico revelam-se como força descomunal que desafia aqueles que a quiserem demarcá-la ou racionalizá-la, pois está ainda em formação, como observa Euclides da Cunha:

Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis. Tem a instabilidade de uma formação estrutural acelerada. Um metafísico imaginaria, ali, um descuido singular da natureza, que após construir, em toda a parte, as infinitas modalidades dos aspectos naturais, se precipita, retardatária, a completar, de afogadilho, a sua tarefa, corrigindo, na paragem olvidada, apressadamente, um deslize. A evolução natural colhe-se, no seu seio, em flagrante. E, ainda sob aspecto secamente topográfico, não há fixá-la em linhas definitivas. De seis em seis meses, cada enchente, que passa, é uma esponja molhada sobre um desenho malfeito: apaga, modifica, ou transforma, os traços mais salientes e firmes, como se no quadro de suas planuras desmedidas andasse o pincel irrequieto de um sobre-humano artista incontentável... (2000, p. 329-330)

E o homem amazônico, que vive neste mundo em formação, segue o ciclo constante das estações ditado pela chuva, sem questionamentos metafísicos ou angústias existenciais. Simplesmente vive uma vida que, para o narrador, traduz uma tediosa forma de lutar contra e ao mesmo tempo buscar a morte.

Nem desânimos, nem desesperos. Vem voluntariamente para o ermo, na luta reproduzida ano a ano, com a igualdade de edição, na mesma tiragem tipográfica de um livro. Antecipam-se, apenas, concorrendo à necrópole e arrebatando à morte o que eles querem também matar. (p. 26)

Seringueiros

Os seringueiros, temática principal do conto *Maiby* (cf. cap. 2.3 deste trabalho), são mencionados brevemente no conto *O Tapará*, em uma espécie de antecipação ao que será tratado posteriormente. Eles também representam o desafio do homem contra a floresta, porém numa perspectiva diferenciada daquele do homem nativo amazônico.

Apesar de possuir um mecanismo “eficiente” de ocupação e de exploração de recursos naturais, o homem que controla a indústria seringueira (que não deixa de ser um tipo de estrangeiro) não pode, pelo menos no Tapará, vencer este confronto, porque a própria floresta tem meios para ludibriá-lo.

A fatalidade seringueira ainda não desceu sobre o lago do Tapará e a outros tantos. “Barrigudas” e seringaranas, nas vizinhanças inumeráveis, despertam apenas a lembrança da indústria com elas impossível. E por isto, que a nada se prestam, nem para achas de lenha, nem o seu leite é elástico, tendo o aspecto de semelhança completa à seringa legítima, dispõem-se como paródia de troca. (p. 28)

Entretanto, nem a força da floresta nem “a resistência do elemento tapuio ou mameluco” poderão impedir que a indústria seringueira avance em seu projeto de exploração do látex e do homem. E isso é quase que profetizado nas páginas deste primeiro conto.

Quando ali se acomete com desbrío e cobiça na batalha da vida, a resistência do elemento tapuio ou mameluco, pescador, em fim de contas não será um freio à desordem seringueira, mas limita o conflito; conflito natural, no jogo tremendo de ambições, que com o machadinho, tigelinhas, o balde e o “boião”, revolveram a terra, sacudindo-a para a eletricidade e para o vapor, e para os males das sociedades, que hoje se chamam fortes. (p. 29-30)

(...) o lago amortece a febre dos rios, essa febre, que fará bater com mais força o pulso do comércio, mas que no fim estraga e corrompe um dos cantos mais caluniados e fartos do planeta. (p. 30)

A raça brasileira

(...) no sangue, que há de lavar, um dia, as veias do brasileiro étnico normal, o sangue do paria tapuio terá o seu coeficiente molecular de mistura ao sangue de tantos povos, argamassado num só bloco, cozido em um único cadinho, fundido num só molde. Cadinho, molde, bloco: aparelho e resíduo de transformação consumada, onde com o mameluco, o carafuz e o mulato e esse indo-europeu, que preponderar na imigração, ter-se-á tornado o brasileiro tipo definitivo de equilíbrio etnológico. Deixará de ser, afinal, o que tem sido: um desfalecido meio para o trânsito transfusivo de raças... (p. 31-32)

Publicada na primeira década do século XX, a obra de Rangel (1908) apresenta traços de uma literatura de base realista-naturalista, porém já acrescida de um certo tom crítico. Prova disso está no único fragmento do conto que trata da participação do homem amazônico na constituição “definitiva” do homem brasileiro e que guarda ainda resquícios de uma concepção determinístico-evolucionista, bastante difundida no século XIX.

1.2 TERRA CAÍDA (p.59-80)

José Cordulo

Diferentemente da imagem do Jeca Tatu, construída por Lobato (1978) para representar o homem do interior, a imagem que Rangel (1914) vai criar do homem amazônico é a de trabalhador infatigável, “**Caboclo onça**”, representado no conto *Terra Caída* pela personagem José Cordulo.

O caboclo, nessa ponta de terreno devoluto, criava um “gadinho” em cinco ‘quadros’ de campo plantado de mium e “colônia”. (p.61)

O José Cordulo grangeará fama de trabalhador infatigável. ‘Caboclo onça!’ qualificavam-no os ‘cearenses’ das cercanias, admirando a extensão dos roçados do caboclo lavrador. (p. 63)

Sempre de terçado em punho, do nascer do sol até quando descambava no poente, o Cordulo não largava o trabalho. (p. 65)

Elementos históricos que permeiam a obra são fundamentais para a construção das personagens, uma vez que justificam a existência de “estrangeiros” (principalmente cearenses) no interior das florestas amazônicas. Assim, a imigração de cearenses para trabalhar nos seringais possibilita o “cruzamento de raças”, que, por sua vez, altera sensivelmente o modo de vida do homem nativo. É o caso do amazônida José Cordulo e sua esposa rio-grandense do norte.

Havia mais de seis anos que ele se ajuntara com a Rosa, um rio-grandense do norte, amarela e escanzelada, que o navio do Sul depuzera com o bando miserável de imigrantes chegados para a Colônia. (...) amava a “cearense”. Deixara a vida nomada de “marisco” por sua causa e fora decidido trabalhar na terra. (p. 64)

Dois elementos já encontrados no conto *O Tapará* também estão presentes neste outro conto. São eles:

a) a condição existencial do homem diante da floresta;

Feliz o Cordulo, mesmo que o gado todo pesteeasse, a saúva comesse toda a roça, ou desse o mal nas fruteiras... (p. 65)

b) a soberania da natureza diante da vontade humana.

Se Cordulo fechasse os olhos, quando os abrisse, a floresta pertinaz tornaria a ocupar o lugar de onde fôra repelida.

A mata faz do lavrador uma sentinela alerta. Abandone o homem o seu posto e ela vigorosamente irrompe pelas linhas do roçado, deste se apoderando de novo. E, então, a dificuldade aumenta. A floresta ressurgida atabafa-se de rebentos e espiques, (...) vem mais adensada de ramos e de hastes finas, mais impenetrável portanto. (p. 66)

A situação humana

Após uma longa série de descrições, o homem é introduzido em uma narrativa, na qual predomina ainda o descritivismo das cenas. Pouca ou nenhuma profundidade (figurativa, psicológica, histórica) é encontrada nas linhas que apresentam a família de Cordulo preparando-se, partindo e participando de uma festa em um outro povoado.

Era para a outra banda que o Cordulo, com a família, teria de partir, ao escurecer, em mira a um “pagode”, convidado, como fôra, pelo compadre Pacu. (p. 69-70)

Boas duas horas custou a travessia obliquada no radiante esplendor desse brocado. Anunciando o “pagode”, distinguiam-se os sons dos instrumentos músicos, aveludados à distância, n’água e na noite. (p. 71-72)

(...) as horas corriam céleres para essa gente, no embriagante alvoroço da festa e regabofe, interrompendo a monotonia do viver roceiro, por aquelas beiradas tristes. (p. 74)

Antes da partida, porém, um fato inusitado chama a atenção dos participantes do “pagode”: o forte barulho produzido, segundo a explicação do velho Pacu, pela queda de terras, fenômeno comum naquela região.

Cordulo determinara, não obstante, partir, e enquanto esperava que se aprontassem a Rosa e os filhos, tragava com pachorra a fumaça do cigarro (...). De súbito, todos ouviram, na serenidade ambiente, um fragoroso ruído, tal e qual o de longínquo trovão ribombando.

— Há de ser terra caída, observou o velho Pacu. E todos confirmaram a explicação do compadre. (p. 75-76)

É interessante que, apesar deste indício, o leitor (pelo menos este foi o meu caso e de outros dois que indaguei acerca do assunto) não consegue antecipar o final inusitado do conto.

Custou bastante a travessia, quanto mais que o rio arfava inquieto, flutuoso, nas ondulações de um forte banzeiro. Chegando perto da costa, onde devia estar o seu porto, Cordulo estranhou ‘intrigado’. Não conhecia mais a sua terra. Que se teria dado? Estaria demente, ou sonolento? E passou as costas da mão pelos olhos cansados; nada... Onde ficaria a sua casa? Ele olhava com afinco a nódoa escura do barranco e não descobria a morada. (...) Aproximada mais a montaria da beira, o Cordulo reconheceu estar de fato bem defronte à sua posse. Mas a terra desabada fizera desaparecer toda a frente... (p. 77-78)

O caboclo sentiu a opressão, que lhe intercortava o respirar, ante o obstáculo da “terra caída”. (p. 78)

No dia seguinte, o sol nado, a vítima era um vencedor. O caboclo rodeado da mulher e dos filhos, plantava no chão ao alto da ‘terra caída’, o esteio de sua nova habitação. (...) A terra podia desaparecer, o caboclo ficava. Acima das convulsões da natureza, acima da fraqueza da terra, estava a alma do nativo com tranqüilidade e fortaleza. (p. 79)

Nestes últimos fragmentos do conto *Terra caída*, confirma-se a “tese” inicial que caracterizou o homem amazônico como “caboclo onça”, capaz de suportar submissamente as idiosincrasias² da natureza.

1.3 MAIBY (p.195-220)

Seringueiros

Um dos mais surpreendentes contos do livro *Inferno verde* (Rangel, 1914) é, sem dúvida, Maiby. Não somente porque expõe poeticamente a morte que segue o homem seringueiro, mas também porque consegue fazer um recorte preciso em que reúne elementos histórico-antropológicos particulares à época da exploração da borracha no meio do Amazonas.

Introduz-se o conto com a seguinte negociação:

O Sabino devia ao patrão sete contos e duzentos, que a tanto montava a adição das parcelas de dívidas de quatro anos atrás, e cedia a mulher a um outro freguês do seringal, o Sérgio, que por sua vez assumia a responsabilidade de pagar a dívida. (p. 198)

A economia, importante articulador das relações humanas, assume, na visão do narrador, feição bastante diversa daquela comum “à civilização nacional”. Disto advém a sua postura crítica ao comparar o “regimem da indústria seringueira” à própria escravidão.

“Tirar saldo” é a maior obsessão do trabalhador, no seringal. E como não ser assim, se o saldo é a liberdade? O regimem da indústria seringueira tem sido abominável. Instituiu-se o trabalho com a escravidão branca! Incidente à parte na civilização nacional, determinaram-no as circunstâncias de uma exploração sem lei. (p. 199)

Neste novo “regimem”, o homem também assume nova dimensão. Já não é a natureza que o oprime com a floresta ou as estações, mas sim o dono do seringal, que o converte a **homem-gado**.

Com o carregamento, desembarcara o pessoal, que o guarda-livros fora buscar ao Ceará. **Umas vinte cabeças** (grifo meu), gente de Crato e de Caratéus... (p. 207)

Essa primeira identidade, imposta aos empregados devedores pela relação que estabelecem com o patrão credor, levará este último a definir-lhes novas identidades, ou melhor, será o patrão que estabelecerá qual será a relação dos “fregueses” com a natureza.

Marciano, antes da dispersão dos novos fregueses, os reunira na vasta sala do Soledade e lhes dirigira uma fala. Exigia trabalho e freguês com saldo. (...) **Quem for tatu que cave; quem for macaco que trepe** (grifo meu). (p. 209)

² Rangel (1914), em sua narrativa, confere à natureza um *status* de personagem. Isso pode ser facilmente observado em todos os contos analisados neste trabalho.

A “extravagante orquídea”

Foi durante uma tarde (...) que o Marciano divisou certa canoa, dobrando a curva do remanso, de rumo ao barracão. (...) Mal encostado a embarcação, ele saltara em terra. Era Sérgio, que vinha pálido, visivelmente emocionado. Acercando-se do patrão, contou-lhe que aproveitara uns dias de chuva, nos quais não pudera “cortar”, para fazer a viagem ao “centro”; mas que ao voltar, não encontrara mais em casa a Maiby. A cabocla desaparecera. (p. 212)

O desaparecimento de Maiby, objeto do contrato entre os seringueiros Sérgio e Sabino, representa uma primeira forma de ruptura da estrutura econômica desta sociedade seringueira.

Com o desdobramento da narrativa, o leitor acompanha passa a passo o empregado de Marciano, Zé Magro, em busca de Maiby. A expectativa dele é também a expectativa do leitor. Finalmente ela é encontrada (no lugar indicado pelo próprio Sabino).

O Zé Magro acercou-se, tremendo, a examinar a realidade terrível; na crucificada reconheceu, estupefato, a mulher do Sabino e do Sérgio. Atado com uns pedaços de ambécima, à madeira da estrada, o corpo acanelado da cabocla que lhe servia de estranho pelourinho. Era como uma extravagante orquídea, carnosa e trigueira, nascida ao pé da árvore fatídica. Sobre os seios túrgidos, sobre o ventre arqueado, nas pernas rijas, tinha sido profundamente embutida na carne, modelada em argila baça, uma dúzia de tigelas. Devia o sangue da mulher enchê-las e por elas transbordar, regando as raízes do poste vivo, que sustinha a morta. Nos recipientes, o leite estava coalhado, — um sernambi vermelho... (p. 218)

O homem, diante destas duas grandes forças, a natureza e a indústria seringueira, tem o mesmo sentimento de aceitação submissa. Todavia, se de nada vale expressar sua revolta à natureza, resta o consolo de expressá-la aos outros homens que ao menos podem vê-lo e ouvi-lo, mesmo que isso não mude a sua situação.

E foi isso o que fez Sabino.

Maiby, que antes servira de moeda para pagamento de uma dívida, converte-se agora em metáfora para expressão da revolta do seringueiro, ao mesmo tempo que sintetiza o conflito entre as três grandes dimensões que participam desta narrativa: a do homem, a da natureza e a da “civilização” (representada pela indústria seringueira). Para ela, a única identidade possível é a de “extravagante orquídea”, imóvel e bela,

diminuída ainda mais em sua dimensão humana. Seu sangue, látex vermelho, deveria saciar a **revolta** humana de Sabino, a **ambição** da indústria seringueira e **voracidade** da natureza.

(...) O martírio de Maiby, com a sua vida a escoar-se nas tigelinhas do seringueiro, seria ainda assim bem menor que o do Amazonas, oferecendo-se em pasto de uma indústria, que o esgota. A vingança do seringueiro, com intenção diversa, esculpira a imagem imponente e flagrante de sua sacrificadora exploração. (p. 219)

Por fim, há de se considerar a interpretação que Euclides da Cunha realiza deste conto:

Maiby é a imagem da Amazônia mutilada pelas miríades de golpes das machadinhas dos seringueiros. Na "Hospitalidade", o homem decaído, volve, em segundos, por um milagre de atavismo, à tona da humanidade, antes de mergulhar de uma vez na sombra, dia a dia mais espessa, da sua decrepitude moral irremediável. (2000, p. 330)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a dimensão humana diante da natureza é bastante reduzida (essa diminuição ocorre tanto no nível narrativo quanto no nível lingüístico, como o prova a excessiva adjetivação à natureza).

O homem, construído nestes três contos, parece não ter direito de ser descrito em uma linguagem hiperbólica, uma vez que esta seria privativa à floresta, à natureza.

Esboça-se assim, a partir dos elementos da obra, uma identidade para o homem da Amazônia. Essa identidade apresenta basicamente dois tipos humanos, distingüidos de acordo com a sua relação com o "Inferno verde": o **nativo** (representado pelo caboclo); e o **explorador** (representado pelo homem da indústria seringueira).

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. *Inferno*. In: _____. *A divina comédia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1992.

EUCLIDES DA CUNHA. *O Inferno Verde*. In: _____. *Um Paraíso Perdido*. Ensaíes Amazônicos. Organizado por Hildon Rocha. Brasília: Senado Federal, 2000. (Col. Brasil 500 Anos)

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

RANGEL, Alberto. *Inferno verde* (Scenas e cenários do Amazonas). 2.ed. revista. Typographia Minerva, 1914.

Esquema 1 SÍNTESE DOS PRINCIPAIS TEMAS, PERSONAGENS E NATUREZA DE TRÊS CONTOS DO INFERNO VERDE

